

# A Carência de Cuidados Maternos e os seus Efeitos no Desenvolvimento da Criança

MANUEL ANTÓNIO SILVA (\*)

## FUNÇÃO E IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS MATERNOS

Segundo Bowlby, a qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe nos primeiros anos de vida, é de importância vital para a sua saúde mental futura. É esta relação com a mãe, ou substituto maternal permanente, enriquecida com as relações com o pai e irmãos, que se encontra na base do desenvolvimento harmonioso, ou simplesmente normal da personalidade.

De modo a percebermos o que se passa na situação de carência, parece-nos importante passar em revista algumas teorias sobre o nascimento da ligação entre o bebé e a mãe:

A *Teoria da Aprendizagem* aponta para a existência de um reforço secundário, proveniente da satisfação das necessidades fisiológicas de base (por um processo de condicionamento instrumental);

A *Teoria Psicanalítica* ortodoxa defende que a instituição da relação objectal é consequência da dependência do objecto, das suas necessidades fisiológicas primárias. Ou

seja, o bebé vai ligar-se em primeiro lugar a quem cuida dele e lhe dá de comer. Durante os primeiros meses o bebé vive com a mãe uma relação pré-objectal. São estas primeiras experiências impessoais da fase da satisfação das necessidades, que são transformadas gradualmente em termos pessoais de relação com a mãe;

A *Teoria Etológica*, que recebeu contributos da Psicanálise, trouxe-nos os conceitos de *vinculação* e de *período sensível*. As descobertas da Etologia vieram chamar a atenção para condutas mais ou menos independentes das necessidades fisiológicas e cuja função é antes de tudo social. Existe, assim, uma tendência primária inata para procurar a relação com o outro. Por outro lado, as observações de bebés apontam para a existência de momentos sensíveis, durante os quais o organismo se encontra mais receptivo à estimulação.

Como nos diz Ajuriaguerra, o mundo não se pode organizar na sua complexidade, senão a partir de um eixo de referência, que para o bebé é a sua mãe.

Mais do que uma grande riqueza de estimulações, é fundamental a estruturação do meio. A mãe, segundo Bowlby, vai actuar como

---

(\*) Estagiário de Psicologia da Maternidade Dr. Alfredo da Costa.

um organizador, facultando uma dosagem adequada entre o carácter de novidade da estimulação e a presença de regras suficientemente estáveis para que a criança seja motivada.

Mas, se uma estimulação adequada e a maturação do sistema nervoso são indispensáveis, não podemos esquecer todo o jogo dos investimentos afectivos, também essenciais ao desenvolvimento do aparelho psíquico.

#### A CARÊNCIA OU AS CARÊNCIAS DOS CUIDADOS MATERNOS

Muita da divergência na análise e interpretação dos resultados da investigação parece ter a sua origem numa insuficiente definição do conceito de Carência Maternal, já que esta expressão cobre situações de gravidade variável e, por outro lado, na existência de estratégias de investigação muito diversas.

Quanto à definição do conceito, temos:

Em sentido estrito, *carência* de cuidados maternos é considerada como uma insuficiência quantitativa de interacção entre a mãe e o bebé;

Podemos chamar *distorção* à insuficiência relacional qualitativa, que diz respeito a uma falta de adequação profunda da resposta da mãe às necessidades do seu bebé;

Ocorre uma situação de *separação* quando existe descontinuidade na relação. Esta não implica forçosamente uma insuficiência quantitativa. No entanto, ao desencadear um quadro de angústia, devido à ruptura dos laços estabelecidos, pode levar a que a criança se apresente menos apta a estabelecer uma nova relação com outra figura maternal.

Quanto às situações onde podem ocorrer carências afectivas precoces, podemos referir três principais:

O bebé que vive numa instituição, separado da sua mãe natural, e não encontra aí substituto maternal apropriado, recebe uma maternagem insuficiente ou não dispõe de possibilidades de interacção com uma figura maternal;

O bebé que vive com a sua mãe ou substituto maternal permanente, mas que não recebe estimulação suficiente e não tem possibilidade de interacção adequada;

O bebé que apresenta uma inaptidão para a interacção. Incapacidade de estabelecer com a figura materna uma interacção suficiente que pode ser devida à existência de rupturas anteriores repetidas.

Determinados factores tornam a situação de carência mais ou menos grave e devem, portanto, ser obrigatoriamente tidos em consideração quando se analisam, tanto as manifestações quanto as consequências das carências precoces de cuidados maternos:

Idade e características próprias do bebé (por exemplo, a sua maior ou menor tolerância à frustração);

Qualidade da relação antes e após a instalação do quadro de carência;

Duração da experiência traumatizante.

A título de exemplo diremos que a separação da mãe vai ter repercussões diversas para o bebé segundo a sua idade. Até aos seis meses, quando ainda não existe um laço estabelecido, a perda da mãe representa essencialmente uma privação de estímulos. A partir desta idade, o bebé estabeleceu já um laço de vinculação. A perda da mãe consiste agora na ruptura de um laço afectivo e os estímulos sensoriais como que passam para segundo plano.

#### EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO

A necessidade de uma ligação afectiva, parece desempenhar um papel tão importante na estruturação da personalidade da criança, como o alimento na sua própria sobrevivência física. Como nos diz Bowlby, se o desenvolvimento das trocas afectivas precede todas as outras funções específicas, estas irão subsequentemente desenvolver-se a partir dos fundamentos fornecidos pelas primeiras. De facto, as situações de carência afectam não somente o desenvolvimento cognitivo, como podem igualmente afectar o conjunto do desenvolvimento.

Um ponto a considerar é a ausência de

uniformidade. Embora as situações de privação sejam, em maior ou menor grau, relativamente frequentes, apenas algumas (e não todas) das crianças apresentam sintomatologia correspondente, apresentam de forma manifesta o seu sofrimento em relação à privação.

Como explicar então esta selectividade?

Segundo Bowlby, os efeitos prejudiciais da intoxicação, infecção ou outros problemas sobre o feto do homem ou do animal, variam não apenas na razão do dano e da estrutura e função do tecido mais afectado, mas também na razão da sua maturidade. Do mesmo modo, as experiências emocionais em determinados estadios da vida mental, muito precoces e especiais, podem produzir efeitos vitais e duradouros.

Outros autores defendem que a sensibilidade do indivíduo às modificações do ambiente, varia segundo o equipamento constitucional, sendo este observável desde as primeiras semanas de vida. A existência de diferenças constitucionais precoces poderá assim explicar, pelo menos em parte, a vulnerabilidade ou pelo contrário a capacidade de resistência de certas crianças às situações de carência.

Outra questão quanto aos efeitos das carências afectivas é a sua remissão, a sua reversibilidade. Novamente encontramos posições diferentes consoante os quadros teóricos em que se inscrevem os autores:

A *Teoria da Aprendizagem* defende que sendo o desenvolvimento quase inteiramente função da estimulação do meio, o que não é aprendido cedo pode sê-lo mais tarde, desde que as condições apropriadas sejam fornecidas. Uma criança primitivamente retardada por falta de estimulação necessária, pode desenvolver-se com a condição de que exista uma compensação da carência durante um tempo suficiente;

Segundo a *Teoria Psicanalítica*, as experiências precoces desencadeiam certos processos dinâmicos que tendem a persistir apesar das modificações do ambiente. Criam-se as reacções de defesa contra a frustração experimentada, que tendem a perpetuar-se e a isolar a criança de um meio novo que poderia oferecer possibilidades de interacção. A reversibilidade dependerá então da

possibilidade de anular estes processos defensivos;

A noção de período sensível (que vem da Etologia) baseia-se na hipótese de que existem, ao longo do desenvolvimento, fases durante as quais, os processos se organizam normalmente se as condições são satisfatórias. Em caso negativo, existe perturbação do desenvolvimento e a estimulação posterior é ineficaz.

De acordo com Ainsworth, estas três posições não são absolutamente incompatíveis. É de facto muito provável que certos danos possam ser reparados quando cessa a carência, enquanto outros resistem mais ou menos devido às reacções de defesa ou aos hábitos profundamente enraizados, outros persistem porque a fase sensível do desenvolvimento já passou.

Por outro lado, como já vimos, não existe a carência, mas devemos antes considerar a existência de modalidades que se distribuem num contínuo que vai desde a normalidade até à carência total, passando pelos estados de distorção do relacionamento e pelas separações. Como salienta Soulé, perante uma situação de carência ou separação «é difícil prever o que irá frustrar as necessidades da criança e o que poderá ter um valor de experiência maturante para o Ego.»

Do trabalho realizado por Bowlby em 1965 para a OMS, sobre os Cuidados Maternos e a Saúde Mental, podemos distinguir algumas conclusões.

Os efeitos da privação total são um risco acentuado para todas as crianças com menos de sete anos. Como ele refere, «o bebé que sofre privação pode deixar de sorrir para um rosto humano ou de reagir quando alguém brinca com ele, pode ficar inapetente ou, apesar de bem nutrido pode não engordar, pode dormir mal e não mostrar iniciativa.»

Quanto mais longa for a privação, mais acentuada a queda no desenvolvimento da criança. Por outro lado, «mesmo quando uma criança permanece na instituição, os efeitos prejudiciais podem ser diminuídos através de cuidados maternos extra, prestados por um substituto.»

Bowlby chamou a atenção para que, apesar

da rápida recuperação do estado da criança, quando volta de novo ao contacto com a mãe, não é de excluir a permanência de uma certa fragilidade perante futuras situações de separação. Parece igualmente existir um limite (três meses) para além do qual se verifica uma «mudança qualitativa após a qual a recuperação dificilmente é completa.»

Até aos três a cinco anos, ainda existe um risco sério de ocorrerem danos psíquicos por falta de cuidados maternos. Quando esta situação ocorre antes dos três anos podem-se acumular os efeitos dos distúrbios do desenvolvimento (tal como foram estudados por Spitz). Estabeleceram-se assim algumas fases que caracterizam o desenvolvimento da capacidade da criança para estabelecer uma relação:

Fase na qual o bebé está a caminho de estabelecer uma relação com uma pessoa que identifica claramente — a sua mãe; isto normalmente ocorre por volta dos cinco/seis meses.

A fase na qual ele necessita da presença constante da mãe; vai até ao terceiro aniversário.

A fase na qual a criança começa a ser capaz de manter a relação com a mãe mesmo quando ela está ausente.

O leque dos efeitos de uma carência afectiva é vasto, desde as manifestações somáticas, os distúrbios alimentares ou do sono, ao atraso no desenvolvimento psicológico, psicomotor ou da linguagem. Do mesmo modo, também a organização da personalidade pode ser afectada e definitivamente empobrecida nas suas possibilidades.

A longo termo, torna-se difícil atribuir somente às carências anteriores a etiologia das perturbações encontradas, já que a complexidade da evolução do desenvolvimento e dos conflitos internos não autoriza a simplicidade causal. Apesar disso, certos estudos correlacionais podem ser efectuados, sendo encontrados frequentemente elevados níveis de correlação entre a existência de uma carência afectiva precoce, uma privação materna durante

a primeira infância e os estados depressivos, condutas associadas ou perturbações da personalidade que surgem no decurso da adolescência.

## CONCLUSÃO

É hoje aceite que as experiências de carência afectiva nos primeiros tempos de vida podem ter efeitos graves e duradouros no desenvolvimento. É então cada vez mais importante perceber o *porquê* e o *como é* que as crianças são afectadas pela carência de cuidados maternos.

No entanto, em relação a alguns pontos permanecem divergências. Rutter, embora apresentando resultados que vão no sentido da pesquisa de Bowlby, defende contrariamente a este que a relação mais importante estabelecida pela criança não difere das outras senão por ser mais forte. A pessoa a quem a criança se vai ligar não é necessariamente a mãe biológica, nem sequer é imprescindível que seja uma mulher. O pai, a mãe, os irmãos, todos têm o seu impacto no desenvolvimento e as relações que estabelecem com a criança possuem a sua quota parte de influência.

Negar o papel das condições deficientes de certos meios substitutivos e afirmar que a privação de cuidados maternos é o único factor determinante é abusivo. Tal como o será propor a relação com o outro como factor explicativo das perturbações mais variadas apresentadas pela criança.

Como diz Ainsworth, só quando soubermos como é que a interacção mãe-bebé facilita o desenvolvimento de certos processos, é que poderemos compreender porque é que a insuficiência relacional entrava o desenvolvimento.

O mérito de todos os trabalhos tem sido o de contribuir para chamar a atenção sobre as condições e as formas de cuidar das crianças (nomeadamente ao nível do internamento hospitalar), bem como para aprofundar o nosso conhecimento sobre as particularidades da relação mãe-bebé.